

AUTISMO

Carlos Caires*.

Autismo é um conceito que se originou por retração semântica de um termo similar, que pelo preconceito do seu autor Carl Gustav Jung, em recusar a definição freudiana do auto-erotismo. Este se define ao corresponder o primeiro estágio de satisfação da libido no próprio corpo da criança, erotizando-o. Ou seja: é aquele momento seguinte, no qual a criança pode gozar por si mesma ao reencontra-se com a satisfação perdida do seio da mãe, ao vir pegar e sugar o próprio dedo ou seus sucedâneos. Auto-erotismo – erótico = autismo.

Logo, o autismo é, então, a subtração erótica primordial desta satisfação libidinal do corpo próprio, que por não obter o gozo necessário, deixa o pequenino desinteressado pelo o que virá girar em torno de si mesmo, faltando-lhe o ânimo subjetivo para encher a boca de ar e suspirar: inspirar, expirar e falar. Esta criança por não se articular na fala, deixa o sentir-ser (*dasein*) cair no sintoma psíquico do bebê autista.

Linearmente, pelo o sentido do sintoma, pode-se aproximar com menor dispersão ou incompreensão do que será necessário para se depreender por esta via, a problemática em causa no autismo. Pode-se demarcar que sua origem está relacionada com o antecedente simbólico do desmame e por sua organicidade; vê-se que não se trata aqui da ablactação.

Abordar a problemática do desmame e o que dele decorre para que criança se articule ou não na dimensão da fala e da palavra é aqui essencial. A privação real do seio pelo desmame, remete o bebê ao sentido de vir alucinar o prazer, o gozo deixado por todo o ato da amamentação na experiência de satisfação anterior, o que leva ao inerte corpo à inervação, à libidinização e, nesta em particular, a boca. Pela primazia da fase oral, será a sede por onde outros objetos correlativos, simbólicos da maternagem são introduzidos com jogos onde a fala e as palavras não devem faltar. Pois se faltam ou não colam na libido, será o caso do autismo.

Neste caso do autista, diz-se que ficou esvaziada pela já anunciada subtração erótica, que não lhe foi repassada o suficiente para lhe deixar no corpo a - *fôrma*, o molde, pelo o qual os objetos sucedâneos na libido modulariam pela

voz concorrendo com o olhar, o gosto pelo sonoro e cênico. Por isso, ele não captura com gosto próprio os objetos em volta e assim, também não entra na subjetividade da fala e da linguagem. O autista é aquele que é esvaziado desta subjetividade essencial ao ser falante.

Outrossim o desmame é um acontecimento humano traumático, por servir de estofo real para uma ruptura narcisista subsequente, que marca o homenzinho com o enigma da castração simbólica, que o ameaça ou o privará por toda a vida de uma parte narcísica de si mesmo, o falo imaginário. Questionará sempre e, mais além, por esta ameaça ou falta e por isso, quando pode se agarra ao drama existencial de ser ou não ser. Ao entrar na dialética subjetiva do pensar.

Entrada que bem pode ser delineada por um apólogo de Sto. Agostinho, sobre o ciúme. O Santo se impressionou com a cena ao descrever: “– Eu vi com os meus olhos e, observei bem um pequeno tomado de ciúmes: ainda não falava e não podia sem empalidecer, lançar o seu olhar para o espetáculo amargo do seu irmão de leite”. O drama do ciúme é o signo de identidade entre o ser e o outro.

A descoberta da psicanálise scandalizou o mundo ao dizer que a criança de peito e a mãe gozam ao amamentar. Que a criança vem ao mundo para satisfazer o gozo da mãe. Sobre essa história da organização sexual infantil, que foi prefigurada no épico sofocliano do Édipo, pela a qual a sua descoberta passou a ser uma praga ignota e ninguém da medicina psiquiátrica queria saber nada disso, inclusive Jung. Utilizou o termo autismo para estabelecer a nosologia da esquizofrenia. E, por este último viés foi o autismo abordado, isolado e classificado como uma entidade nosográfica: “*autismo de Leo Kanner*”.

Pus-me a escrever este texto, após assistir um programa de televisão norte-americano sobre o autismo, comemorativo pelo o dia mundial do autista. Ao ouvir o *speaker* comentar que nem as mais avançadas técnicas de exames e nem as pesquisas genéticas descobriram suas causas no corpo destas crianças.

Ora! Se não se encontra essas causas no corpo físico destas crianças, aonde devem pesquisá-las? Todo mundo sabe de um fenômeno da física; que a uma fissão tectônica na Indonésia, provoca efeito do outro lado do universo, um maremoto no golfo do México. O que é que, com este fenômeno, posso dizer? Digo que por extensão o corpo da mãe, por ser ainda constituinte do corpo do seu

bebê, responde por suas causas. Precisa-se pesquisar no autismo da criança, qual estado se encontra o desejo da mãe ao receber o seu rebenoto. Será que veio o ser pelo qual esperava? Nestes casos de autismo, vi mães suprimirem os seus desejos eróticos, como se esses filhos fossem tudo para preencher suas faltas.

O corpo por ser oco é uma caixa de ressonância, repercute o som da voz e por sua superfície reflete como no espelho pela luz do olhar. A voz, o olhar serão os objetos com os quais se perpassa a sutura da ferida narcísica do desmame e do seu sucessor. Se estes objetos atraem a presença do outro, por este encontro, fará embalar a jubilação e se reencontrar o gozo que foi extraído, num prazer mais além, por uma nova modalidade de gozo sentido. Mas, se estes objetos não atraem e nem fazem ecos, são opacos, levarão ao sono letárgico da indiferença do bebê pelo modo de gozo arrefecido da mãe; dá-se aí a instalação do autismo.

A instalação do autismo concernente à relação subliminar do desmame, pelo qual a libido — que é a energia do desejo — não foi reinvestida no reencontro de um ponto comum de interesse fora da linha narcísica entre a mãe e a criança. O pai desvalido não foi cogitado e a mãe, que por seu desinteresse erótico, não colorirá pela sua ausência, uma presença gratificante de júbilo ao aparecer para o bebê. A causa do autismo, não há outra, que não esteja na modalidade do gozo anoético da mãe e por não deixar passar o gosto, o gozo erótico inconsciente.

O inconsciente é da ordem de um saber que se quer ignorar, mas o que não pode é se esquecer, que ele existe e funciona pelas leis que lhes dá uma estrutura de linguagem, que se aparelha no gozo para abordar a realidade. O inconsciente por ser um fator de discurso dá ao ser do ente, pela a palavra, a condição de por ela se curar. Pena que o autista desaparelhado ou, esvaziado do seu gozo não se interessa pela palavra e suas mães por indiferença, também.

Um jovem loquaz contou-me: - sua mãe deu conhecimento a todos do seu gozo por se encontrar grávida, desejou uma iguaria inencontrável e o papai ao querer saciá-la, fez-la deslocar o desejo para um antojo. Ela tinha o dom de negacear o seu desejo de tal modo, que lhe deixava em dúvidas sobre o que ela queria e seu pai ardendo de ciúmes e arremata que jamais nasceria autista.

Salvador-Ba, 11/04/08

*Antônio Carlos Caires Araújo – Médico. CRM: 2962 e Psicanalista.